

ANÁLISE E COTEJO DE TRADUÇÕES: O CASO DAS EPÍSTOLAS DE BAUDELAIRE

ANALYZING AND COMPARING TRANSLATIONS: THE CASE OF THE EPISTLES OF BAUDELAIRE



Gilles Jean Abes¹
Doutor em Estudos da Tradução
Professor Adjunto 1 – UFSC – Florianópolis – Brasil
gillesufsc@gmail.com

Resumo: Este artigo retrata um processo de análise e cotejo executado com base em diferentes traduções da correspondência de Charles Baudelaire. O trabalho procura descrever o levantamento de traduções das cartas do poeta, em inglês, italiano, espanhol e alemão, assim como apresentar as observações e comparações realizadas a partir desses textos. Trata-se do retrato de uma experiência que possibilitaria apontar caminhos de análise, de forma mais concreta. O principal objetivo dessa descrição é, ao evidenciar, comparar e debater as escolhas dos tradutores, associar a análise e a teoria da tradução ao ato tradutório.

Palavras-chave: Análise - Tradução - Epístolas - Baudelaire

Abstract: *This article depicts a process of analyzing and comparing performed based on different translations of the correspondence of Charles Baudelaire. This work seeks to describe the collection of translations of the poet's letters in English, Italian, Spanish, and German, as well as to provide comments and comparisons made from these texts. This is the portrait of an experience that would enable more concrete paths of analysis. The main objective of this description is, by showing, comparing and discussing the choices of the translators, to associate the analysis and the theory of translation to the translational act itself.*

Keywords: *Analysis - Translation - Epistles - Baudelaire*

O presente trabalho tem base na tradução de uma seleção de cartas da correspondência do poeta Charles Baudelaire e procura descrever o levantamento de traduções das missivas do autor, em inglês, italiano, espanhol e alemão, assim como apresentar as observações e comparações realizadas a partir desses textos. De um ponto de vista teórico, pautamo-nos na obra de Antoine Berman (2006).

É preciso iniciar essa análise com uma confissão: não temos como avaliar, com a mesma acuidade, no que se refere ao domínio de língua, as traduções mencionadas logo adiante. É realista dizer que o cotejo que empreendemos visa somente alguns aspectos específicos, e não a versão como um todo. No entanto, pareceu-nos relevante e até enriquecedor efetuar essa análise em outros idiomas para observar as diferentes escolhas perante os inúmeros desafios

propostos pela tradução da correspondência de Baudelaire. É importante também destacar que não foi possível ter acesso a todas as traduções mencionadas mais adiante, sendo algumas dentre elas assaz raras. Além disso, uma escolha foi feita, tendo em vista a seleção proposta, para tentar privilegiar as obras que contivessem as mesmas cartas que se pretendia traduzir para o português. De qualquer forma, o intuito dessa descrição é, ao evidenciar, comparar e debater as escolhas dos tradutores, associar a análise e a teoria da tradução ao ato tradutório.

No que concerne o levantamento das traduções existentes da correspondência de Baudelaire, as fontes podem ser numerosas. Assim, uma primeira pesquisa foi realizada em acervos virtuais de bibliotecas universitárias: UFSC, UFRJ, UFMG, USP (inclusive na FFLCH), UNICAMP, UNESP, PUC SP, PUC MG, UC (Universidade de Coimbra) e UP (Universidade de Porto). Igualmente no *Index Translationum* da UNESCO, na Biblioteca Nacional, na biblioteca do Congresso Americano. Em seguida, investigou-se o banco de teses da CAPES e o da UNICAMP. No recenseamento bibliográfico realizado pelo *W. T. Bandy center of Baudelaire studies* para os anos 2005 a 2009, apenas uma tradução foi encontrada para o italiano e nenhum artigo que aborde a correspondência como cerne de pesquisa. Observou-se da mesma forma a bibliografia de teses, ensaios, artigos e um levantamento bibliográfico e crítico sobre o poeta incluído na obra *Poesia e Prosa* publicada pela Nova Aguilar. No mais, procuramos pesquisar diretamente na internet, usando expressões como "cartas + Baudelaire", "correspondência + Baudelaire", "epístolas + Baudelaire", traduzidas nos idiomas de nosso interesse. Não é possível negar a eficiência dessa ferramenta.

Portanto, seguem as obras encontradas a partir dessas diferentes fontes, assim como a análise e cotejo de trechos significativos das traduções das cartas.

Para o inglês, a primeira tradução seria *The letters of Baudelaire*, com tradução de Arthur Symons, publicada em New York pela Albert & C. Boni em 1927. Um ano depois, o mesmo tradutor publica uma seleção de cartas para a mãe: *The letters of Charles Baudelaire to his mother, 1833-1866*. London: Rodker, 1928. Esta primeira edição terá nova publicação em 1971 pela B. Blom em New York. Encontramos também a seleção *Baudelaire, a self portrait. Selected letters*, com tradução de Lois Boe Hyslop e Francis E. Hyslop pela Oxford press (London) em 1957, com novas edições pela Greenwood press (1979) e Hyperion press (1981). Existe uma seleção de cartas de juventude encontradas na *National library of Australia: Letters from his youth*. Trad. Simona Morini, Frederic Tuten. Garden City (NY): Doubleday, 1970. A obra que mais chamou a atenção foi *Selected letters of Charles Baudelaire: The conquest of solitude*, com tradução de Rosemary Lloyd pela editora da universidade de Chicago em 1986,

pois teve apoio de Claude Pichois e não se limita às cartas à mãe. Além disso, algumas de suas páginas estão acessíveis na internet.

Para o italiano, encontramos: *Lettere alla madre*, com tradução de B. Dal Fabbro pela Bompiani (Milano) em 1945. No mesmo ano, *Lettere alla madre*, com tradução de Nella Berther publicada pela di Uomo (Milano). *Lettere inedite ai familiari*, pela Rizzoli (Milano) em 1968, com tradução de Luigi di Nardis. *Lettere alla madre di Charles Baudelaire*, com tradução de Ortesta C. (curatore) pela editora SE de 1985, com nova edição em 2009. Essa seleção parece ser a mais comum. *Charles Baudelaire: La conquista della solitudine. Lettere 1832-1866*, com tradução de Anna Morpurgo pela editora Rosellina Archinto, Milano, em 1988. Existem ainda as traduções: *Lettere alla madre*. Mondadori, 1994 (sem indicação de tradutor). Uma edição completa de 1980 em 3 volumes com introdução de Claude Pichois: *Baudelaire Charles: Lettere*, pela editora Cappelli. Conforme o recenseamento bibliográfico consultado no *W. T. Bandy center of Baudelaire studies*, há uma tradução de uma seleção de cartas por Cinzia Bibliosi Franck: *Il vulcano malato: lettere 1832-1866*. Roma: Fazi, 2007.

Para o espanhol, foi encontrado *Cartas a la madre* pela editora Schapire (Buenos Aires), datada de 1947, com tradução de Ulyses Petit de Murat que também traduziu *Las flores del mal* em 1959 pela Dintel. *Cartas a la madre (1833-1866)*, com tradução de Roberto Monsberger pela Grijalbo-Mondadori (Barcelona) em 1993. A tradução mais recente data de 2004, *Cartas*, com tradução e seleção do poeta Mario Campaña pela Bassarai.

Para o alemão, encontramos apenas uma versão das *Lettres inédites aux siens* (BAUDELAIRE, 1966), intitulada *Jugendbriefe*, com tradução de Alfred Schelzig, pela editora Wd, realizada em 1969, incluindo a introdução de Philippe Auserve.

De todas essas traduções, conseguimos consultar, para cotejo e análise, as seguintes: *Baudelaire, a self portrait. Selected letters*, com tradução de Lois Boe Hyslop e Francis E. Hyslop. Esta tradução tem por base a correspondência geral estabelecida por Jacques Crépet entre 1947 e 1953. O volume único, de aproximadamente 260 páginas, comporta uma seleção de 100 cartas do período compreendido entre 1833 e 1886 para diversos destinatários. Estas são divididas em sete partes cujos temas são: *Early years, Apprenticeship, An interlude, Joseph de Maistre and Edgar Allan Poe, Les Fleurs du Mal, De Profundis Clamavi e Brussels*. Cada uma é introduzida por um pequeno texto com caráter biográfico e histórico. *Letters from his youth*, com tradução de Simona Morini e Frederic Tuten, e uma introdução de Enid Starkie, contém 95 missivas de 1832 a 1864, com base na edição estabelecida por Philippe Auserve pela Grasset em 1966. Finalmente, a terceira tradução consultada em língua inglesa é *Selected letters of*

Charles Baudelaire: The conquest of solitude, de Rosemary Lloyd, com base na correspondência organizada e anotada por Claude Pichois, pela Gallimard, em 1982. Essa seleção foi realizada com recortes cronológicos, dando assim uma visão mais ampla do poeta. As sete partes da seleção compreendem 196 epístolas com os seguintes temas: *Childhood: 1832-1839*, *Vie de bohème: 1840-1847*, *The republic: 1848-1851*, *The flower of Evil: 1852-1857*, *Parisian Scenes: 1858-1861*, *The spleen of Paris: 1861-1864* e *Poor Belgium!: 1864-1867*. Uma particularidade deste volume é o fato de algumas cartas terem sido parcialmente traduzidas, assim como a correspondência de Dostoiévski, por Robertson Frizero, publicada em 2009 pela 8Inverso.

Tivemos acesso, em italiano, a duas obras: *Charles Baudelaire. La conquista della solitudine. Lettere 1832-1866*, de Anna Morpurgo. Eis uma obra muito interessante, já que tudo indica que seja uma tradução indireta, via inglês, da versão supracitada de Rosemary Lloyd. Não há referência alguma à correspondência em francês, somente ao tomo de Lloyd, incluindo, além disso, uma versão – nos dois sentidos do termo – da introdução dessa tradutora. De fato, o texto foi modificado, eliminando inclusive a referência à *Correspondance* organizada por Pichois em 1973, citada por Lloyd. Além desta obra intrigante, analisamos *Il vulcano malato: lettere 1832-1866*, de Cinzia Bigliosi Franck. São aproximadamente 250 cartas traduzidas cujo critério estabelecido procura se centrar no ambiente familiar, na sua atividade enquanto *homme de lettres* e em seu exílio na Bélgica. O texto fonte empregado foi a *Correspondance* organizada por Pichois em 1973.

Para o espanhol, pudemos consultar apenas uma obra, *Cartas a la madre (1833-1866)*, de Roberto Monsberger. Trata-se da tradução das 155 missivas que compõem a obra *Lettres à sa mère*, publicada pela Calmann-Lévy em 1932. A versão de Monsberger segue inclusive a mesma divisão em sete partes, mas apenas quatro epístolas desta obra fazem parte de nossa seleção. Finalmente, observamos alguns pontos bem precisos na obra *Jugendbriefe*, de Alfred Schelzig, versão para o alemão das *Lettres inédites aux siens*.

Nossa análise se deu a partir de trechos encontrados em cartas específicas, que faziam parte das seleções de duas ou mais traduções. Assim, na epístola de 3 de março de 1832, para o meio-irmão Alphonse Baudelaire, selecionada nas obras de Lloyd e Morini & Tuten, pode-se levantar algumas dúvidas tais como a tradução da cidade de *Villeneuve la guerre* por parte de Morini & Tuten: *I left off the war at Villeneuve [sic]* (BAUDELAIRE, 1970. p. 03.), [...] (*J'en étais resté à Villeneuve la guerre [sic]*). Será uma tradução do nome da cidade ou equívoco de interpretação (*Villeneuve la guerre* = *war at Villeneuve!*)? No que concerne a versão de Lloyd,

surgiu uma interrogação quanto à necessidade de se colocar uma nota entre colchetes no corpo da carta ao invés de no final da correspondência ou em nota de rodapé, já que se pretende desde o início eliminar alguns trechos. Teria sido mais interessante reservar este espaço às palavras de Baudelaire, além de visualmente mais agradável para o leitor, incoerência que se agrava se apontarmos que, ao longo da obra, a tradutora se beneficia de muitas notas de rodapé para contextualizar as epístolas. Eis o trecho em questão:

I'd got up to Villeneuve la guerre [*sic*: Baudelaire means Villeneuve-la-Guyard, between Montereau and Sens] and now I'm going to tell you more about my journey. (BAUDELAIRE, 1970, p. 03)

J'en étais resté à Villeneuve la guerre et je continue mon voyage. (BAUDELAIRE, 1973, p. 05)

A informação não é vital já que não prejudica o entendimento do leitor: sem um mapa da França, a maioria dos franceses sequer saberia localizar as pequenas cidades mencionadas. Na edição de Pichois, há apenas uma nota explicando o engano de Baudelaire. No mais, há deformação de alongamento na segunda parte da frase que poderia ter sido simplesmente traduzida: *I continue my journey*. Nas versões em italiano, a intenção de preservar os nomes próprios das pessoas assim como o nome dos lugares menos comuns (exceção de Paris e Lyon respectivamente *Parigi* e *Lione*) é evidente. É o caso da cidade de *Villeneuve la guerre* e *Chalon* (BAUDELAIRE, 1988, p. 21-22), ou na carta anterior, *Charenton* e *Théodore*, da mesma maneira, ao longo da correspondência para outras localidades.

103

Outro exemplo da postura dos tradutores é a modificação estrutural das sentenças, frequentemente desnecessária, e que levam a alterações rítmicas assaz importantes cuja consequência resulta, mais uma vez, em um empobrecimento significativo da escrita baudelariana.

Allons il faut que je fasse mon devoir. C'est ce qui m'oblige à fermer ma lettre bien plus tôt que je le voudrais. (1973, p. 06)

Well, i have to go now and do my work and must end my letter sooner than i whished. (1970, p. 04-05)

Na edição organizada por Auserve (texto fonte de Morini & Tuten), as diferenças situam-se apenas na pontuação: *Allons, il faut que je fasse mon devoir; C'est ce qui m'oblige à fermer ma lettre bien plus tôt que je le voudrais* (Vamos, é preciso que eu faça meu dever; é o que me obriga a fechar minha carta muito antes do que gostaria). No entanto, como podemos

constatar na citação logo acima, os tradutores provocaram uma grande mudança no ritmo da frase, com repetições da conjunção *and*, inexistentes em francês, e fizeram um acréscimo desnecessário: *i have to go now*. Alguns termos foram vertidos não somente sob a égide do sentido, com a escolha do verbo *to end* para *fermer*, mas também do empobrecimento qualitativo: consequência direta dessas escolhas.

Baudelaire enviou uma epístola à mãe, com data provável de 23 de abril de 1837, cuja análise é valiosa. Interessa aqui observar como foi vertida a peculiar oração: *il faut être à lui quand il est malade*.

Au surplus tu n'en as peut-être guère le temps; car il faut songer à papa avant tout; et puisque lorsqu'il est en bonne santé, il s'occupe tant de nous amuser, il faut être à lui quand il est malade. (1973, p. 39-40)

Moreover, you may perhaps not have the time to do this, for Father must come first in your thinking. And since when he is well he spends such a lot of time amusing us, when he's ill, we should devote ourselves to him. (1986, p. 09-10)

But perhaps you won't have time for this. Because we must think of papa first; and since when he feels well he does so much for us, we must do our best for him when he is sick. (1970, p. 45-46)

104

Tanto Lloyd quanto Tuten & Morini clarificaram-na, anulando sua singularidade, o que resultou em um empobrecimento qualitativo bastante visível. Da mesma forma, como pode-se observar nas escolhas feitas por Morpurgo e Franck, o sentido foi privilegiado em detrimento do agenciamento peculiar das palavras, principalmente, no emprego do verbo *être*:

Forse non ne hai affatto tempo ; perché prima di tutto c'è da curare papà ; e poiché quando è in buona salute si preoccupa tanto di divertirci, quando è ammalato dobbiamo dedicarci a lui. (1988, p. 30-31)

Forse non ne avrai neppure tempo, poiché bisogna soprattutto pensare a papà e, visto che quando sta bene si preoccupa tanto della nostra felicità, bisogna dedicarsi a lui quando è ammalato. (BAUDELAIRE, 2007, p. 11-12)

Observamos escolhas referentes a vocábulos, estruturas e expressões. Vale agora se debruçar sobre outro trecho da mesma carta que possui uma ambiguidade que faz de sua versão um grande desafio. Portanto, tentar-se-á analisá-lo em inglês, italiano e alemão para analisar como os tradutores interpretaram essa sentença:

[II] m'a proposé de me prêter de sa bibliothèque les livres que je désirerais, et qui auraient quelque rapport à mes études; que seulement il ne me

prêterait ni romans, ni autre chose de ce genre, parce qu'il m'exposerait lui-même. (1973, p. 40)

[II] offered to lend me whatever books i wanted, provided that they some connection with my studies. He only said he wouldn't lend me novels or anything else of that type because that would risk getting me into trouble. (1986, p. 10)

[He] offered to lend me from his own library any books I wanted that would be related to my studies ; but he told me he would lend me neither novels or anything of that sort because he himself would have to report me. (1970, p. 45-46)

Mi ha proposto di prestarmi i libri della sua biblioteca che io avessi voluto, e che avessero qualche rapporto con i miei studi ; solamente non mi avrebbe prestato né romanzi né altre cose del genere per non compromettermi. (1988, p. 30-31)

Mi ha proposto di prestarmi i libri della sua biblioteca che desidero e che hanno una qualche attinenza con i miei studi, che non mi avrebbe prestato romanzi, né altro di questo genere perché me li avrebbe spiegati lui stesso. (2007, p. 11-12)

O que importa aqui é a ambiguidade insolúvel no texto de partida: *parce qu'il m'exposerait lui-même* (literalmente: porque ele mesmo me exporia). O que causa grande dúvida é justamente como interpretar a oração dentro do contexto. Por que Baudelaire seria exposto a problemas, conforme o trecho foi traduzido, se tivesse acesso a romances emprestados pelo repetidor? Mesmo se este tinha a função de reforçar a versificação dos alunos, é lógico afirmar que Baudelaire correria algum risco (punições) por ler outros gêneros literários fora da sala de aula? No mínimo, parece improvável. É preciso analisar melhor a questão, observando elementos lexicais e sintáticos. O verbo *exposer* tem vários sentidos, dentre os quais, existem duas interpretações possíveis nesta carta: *Exposer quelqu'un, lui faire courir un péril* (Expor alguém, sujeitar a danos, desgostos, constringimentos) ou *Expliquer; Exposer une doctrine, une théorie* (Explicar ou expor uma doutrina, uma teoria). Em português: tornar inteligível, compreensível; explicar, interpretar), o que corresponde ao verbo *expor* em língua portuguesa. Não obstante, dois pontos precisos causam estranhamento: ou falta uma sequência nessa sentença, ou ocorreu um equívoco gramatical, por parte do jovem Baudelaire, em um momento de distração ou de pressa. Malgrado o seu bom domínio da língua francesa, alguns erros ortográficos e de concordância podem ser observados na correspondência de sua juventude. Nos dois casos, criou-se um lapso, um enigma, uma intraduzibilidade que, paradoxalmente, clama pelo tradutor. De fato, *exposer*, quando se trata de *expor alguém*, é verbo bitransitivo que exige, em francês e português, o emprego da preposição *à/a* e o complemento que segue: *exposer quelqu'un à quelque chose* (expor alguém a alguma coisa).

Assim, temos a impressão de que a frase está incompleta. Na verdade, um simples pronome pessoal oblíquo (objeto direto), referindo-se aos livros, retiraria qualquer dúvida quanto à compreensão: *parce qu'il me [les] exposerait lui-même*. A outra opção seria continuar a frase: *parce qu'il m'exposerait lui-même [à des sanctions]*. Se a frase tivesse sido escrita em uma dessas duas formas, apenas uma leitura seria possível e todos os tradutores formulariam suas versões de modo semelhante. Como vimos logo acima, Cinzia B. Franck e Morini & Tuten discordam de Lloyd, Morpurgo e Alfred Schelzig: *daß er mir aber weder Romane noch etwas Ähnliches leihen würde, weil er selber mich dann in Schwierigkeiten brächte* (BAUDELAIRE, 1969, p. 57-58)². Por outro lado, aqueles corroboram a primeira versão/impressão desse trecho, no qual compreendemos que o repetidor exporia ele mesmo os romances do interesse de Baudelaire. Ainda assim, não é possível afirmar com segurança que essa interpretação seja absolutamente correta e apenas Baudelaire poderia solucionar esse enigma. A postura proposta nessa reflexão é a de valorizar nessa oração justamente aquilo que *brille un laps* (brilha um lapso), lembrando aqui do *Crise de vers* de Mallarmé (1945, p. 361), cujo valor enigmático poderia ser preservado, o que não é o caso em nenhuma das traduções analisadas. Trata-se de deixar o leitor decidir de que maneira interpretar a sentença, além do valor de gênese da escrita baudelaireana.

À epístola datada de 27 de junho de 1838, escrita para a mãe, convém relacionar as versões de Lloyd e Tuten & Morini, especialmente, alguns trechos que podem constituir momentos críticos da tradução.

Je sens venir la vie avec encore plus de peur. Toutes les connaissances qu'il faudra acquérir, tout le mouvement qu'il faudra se donner pour trouver une place vide au milieu du monde, tout cela m'effraie. Enfin je suis fait pour vivre, je ferai de mon mieux; il me semble ensuite que dans cette science qu'il faut acquérir, dans cette lutte avec les autres, dans cette difficulté même, il doit y avoir un plaisir. (1973, p. 55-56)

I feel my life outside school approaching, and that causes me even more fear. All the people you have to get to know, all the effort you to put in to find an empty place in the midst of the crowd, all that frightens me. But I've been put into this world to live and I'll do my best. Then it seems to me that in this knowledge one has to acquire, in this struggle with others, even in this difficulty itself there must be a degree of pleasure. (1986, p. 14)

I feel my life approaching with even greater fear. All the knowledge that one must acquire, all the trouble one has to go through to find a place for oneself in the world, all this frightens me. But I am prepared for life, and I'll do my best. I believe that even in this process of learning, in this struggle with others, in all this difficulty itself, there must be some pleasure. (1970, p. 69-70)

No caso de Lloyd, a tradução do trecho inteiro apresenta problemas que precisam ser debatidos. Há alongamento desnecessário já no início, que ocorre quando a tradutora procura explicar o texto – a clarificação leva ao alongamento – bastando para constatá-lo observar a primeira frase do trecho supracitado. Outra escolha pouco feliz foi a interpretação do termo *connaissances*, que poderia até ser entendido no sentido de conhecer pessoas, mas Baudelaire se refere certamente às preocupações com os estudos e seu futuro profissional. Para isso, basta ler as cartas de 26 de fevereiro de 1839 e 23 de agosto do mesmo ano, respectivamente, para o coronel Aupick e Alphonse Baudelaire. E se houvesse alguma dúvida, o verbo *acquérir* não poderia ser associado a pessoas. Outro elemento interessante, é a oração *je suis fait pour vivre*, traduzida *I've been put into this world to live* (Lloyd) e *I am prepared for life* (Morini & Tuten). Verter esse agenciamento peculiar não é simples, mas as escolhas se revelam orientadas apenas pelo sentido, quando não alongam demasadamente a sentença (Lloyd).

A epístola endereçada ao coronel Aupick em 17 de julho de 1838 nos coloca frente a outras dificuldades: as expressões idiomáticas *parler à tort et à travers* (falo talvez a torto e direito), *porter aux nues* (pôr nas nuvens) e o jogo de palavra com o termo *croûte* (crosta). As soluções de Morpurgo são bastante próximas do texto fonte, no entanto, não há nenhuma nota a respeito do jogo de palavras, o que parece imprescindível. Na versão de Franck, também nenhuma nota, e o emprego de *nudi* ao invés de *stelle*. A expressão *parlo a vanvera* parece mais adequada do que *ho torto e parlo a sproposito*:

Il est sans doute bien ridicule à moi de parler ainsi des peintres de l'empire qu'on a tant loués; je parle peut-être à tort et à travers; mais je ne rends compte que de mes impressions: peut-être est-ce là le fruit des lectures de la *Presse* qui porte aux nues Delacroix?

Le lendemain, dans un journal, *Le Charivari*, on a dit qu'après notre dîner nous étions rassasiés de *croûtes*. (1973, p. 57-59)

Certamente è ridicolo che sia io a parlare così dei pittori dell'impero che sono stati tanto lodati; forse ho torto e parlo a sproposito; ma non rendo conto che delle mie impressioni: forse questo è frutto della lettura della *Presse*, che porta alle stelle Delacroix?

Il giorno dopo, su un giornale, *Le Charivari*, si diceva che dopo il pranzo ci avevano rimpinzato di *croste*. (1988, p. 37-39)

È senz'altro ridicolo da parte mia parlare così dei pittori dell'impero che vengono tanto lodati. Forse parlo a vanvera, ma non esprimo che le mie impressioni: forse anche questo è il frutto delle letture della « *Presse* » che sostiene i nudi di Delacroix?

Il giorno dopo, su un giornale, « *Le Charivari* », si diceva che dopo la cena non ne potevamo più di *croste*. (2007, p. 23-25)

No texto de Morpurgo, houve novamente a não tradução de dois parágrafos que poderiam inclusive dar pistas para o relacionamento entre Charles e seus pais. A versão de Tuten & Morini simplesmente evitou o desafio e eliminou a expressão idiomática, *je parle peut-être à tort et à travers*, tornando-se *Perhaps I'm wrong* (1970, p. 73). No caso de Lloyd, o gesto é exatamente o mesmo: *Perhaps I'm speaking nonsense*. Aliás, esta postura de apagar trechos considerados difíceis é frequente ao longo da correspondência. No que tange à segunda expressão, Lloyd preferiu *[La Presse] praises Delacroix to the skies* (1986, p. 16), escolha idêntica a Tuten & Morini. O jogo de palavras é mantido nas duas obras, mas Lloyd não deu explicações em nota, o que dificultará sua compreensão.

A missiva endereçada ao Victor Hugo em 25 de fevereiro de 1840 (1973, p. 81-82) comporta outros elementos passíveis de análise. O caso do verbo *prodiguer*, por exemplo, é interessante pois leva-nos a examinar a homogeneidade da tradução. De fato, o uso em italiano do verbo *prodigare* aponta para uma escolha próxima do texto fonte. Não obstante, Morpurgo traduziu a frase [...] *j'ignore tout à fait les convenances de ce monde [...]* por [...] *ignoro completamente i convenevoli di questa società [...]*, (1988, p. 47) o que nos leva a pensar na razão de se verter, ora *literalmente*, ora pelo sentido, e não pela palavra escolhida pelo autor: *prodiguer/prodigare* e *monde/società*. Ao empregar a palavra *società* (sociedade), perde-se força na expressão *de ce monde*, que nos leva a pensar além da sociedade, no sentimento de ser *estrangeiro* ao mundo no qual o poeta deambulou, da França ao oceano Índico, de Paris à Bélgica, seu lado *barroco* expresso na sua correspondência e no homônimo poema em prosa: *O estrangeiro*. Na versão de Franck (2007, p. 37), a escolha foi justamente a de *mondo*, mas não preservou *prodigare*, preferindo *che vi hanno tributato*. Outra ocorrência na mesma epístola se dá com a expressão *toute belle chose*, cujo sentido exige um conhecimento mais sutil do idioma. Ao vertê-lo, por exemplo, por *todas as belas coisas* perder-se-ia a expressividade do adjetivo *toute* que, em francês, acarreta uma ideia de totalidade máxima, ou seja, que representa toda e qualquer beleza. Relativamente às versões de Morpurgo, com *tutte le belle cose* (1988, p. 47) e Franck com *tutte le cose belle* (2007, p. 38), é preciso se questionar se não há significativa perda. Vemos neste exemplo que a literalidade não é o mesmo que a tradução da *letra*, já que ao traduzir por *todas as belas coisas* (*literalmente*), perde-se a *essência* da expressão. Lloyd também seguiu os mesmos passos que as tradutoras italianas: *I love you as one loves a hero, a book, as one loves all beautiful things* (1986, p. 20). Aqui, trata-se da busca pelo *belo*.

Poder-se-ia apontar muitos acertos e soluções engenhosas ou, ao contrário, escolhas questionáveis, contudo, essa tarefa seria por demais exaustiva e inadequada nesse texto. Vale notar que, apesar das escolhas judiciosas e da importância dessas traduções, a postura dos tradutores resultou, *in globo*, em textos sutilmente empobrecidos, consequência direta da escolha de palavras mais coloquiais, da racionalização das estruturas, de alongamentos, supressões e acréscimos (clarificação) desnecessários³, principalmente, nas versões de Lloyd e Morini & Tuten. Isso se deu porque o ato tradutório foi basicamente pautado na predominância do sentido, com alguns raros momentos em que a tradução da *letra* ocorreu. A hegemonia do sentido se vale, em grande parte, da postura do tradutor que faz com que o texto seja inteligível - para um leitor que é frequentemente subestimado - esquecendo os valores estilísticos, estéticos e sugestivos da linguagem. É preciso também lembrar que, muitas vezes, o tradutor não é independente e que a atuação das editoras, cujas políticas variam muito, influenciam as versões finais. De qualquer forma, a análise de traduções é sempre repleta de ensinamentos e descobertas que acabam por trazer um grande benefício a novas empreitadas, principalmente para o tradutor em início de carreira. Pois, devemos constatar que, após a análise que fizemos, se apartarmos o julgamento de valor sobre as traduções, quaisquer sejam as escolhas feitas pelos tradutores, todas elas alumiam nossa tarefa e nos conduzem como migalhas nas trilhas do nosso próprio ato tradutório.

109

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance I, II: 1832-1860 / 1860-1866*. Paris: Gallimard, 1973.

_____. *Lettres inédites aux siens*. Présentées et annotées par Philippe Auserve. 1e Ed. 1966. Paris: Grasset, 2010.

_____. *Letters from his youth*. / Tradução de Simona Morini e Frederic Tuten. – Garden City (NY): Doubleday, 1970.

_____. *Selected letters of Charles Baudelaire: The conquest of solitude*. / Translated and edited by Rosemary Lloyd. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

_____. *La conquista della solitudine: Lettere 1832-1866*. / Traduzione di Anna Morpurgo. Milano: Rosellina, Archinto, 1988.

_____. *Il vulcano malato: Lettere 1832-1866*. / A cura di Cinzia Bigliosi Franck. – Roma: Fazi Editore srl, 2007.

_____. *Jugendbriefe*. / Tradução de Alfred Schelzig. – Freiburg: Wd, 1969.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. O intraduzível como valor. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Maurio Furlan, Andréia Guerini. Florianópolis: Nuplitt/Letras, 2006.

MALLARMÉ, Stéphane. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1945.

¹ Currículo lattes Gilles Jean Abes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0085378273067848>

² “[...] que não me emprestaria nem romances, nem outra coisa do gênero, porque me causaria problemas.” (Trad. Nossa)

³ Entendemos aqui o termo "desnecessários" no sentido em que não foi possível identificar uma dificuldade que pudesse explicar as escolhas dos tradutores.

RECEBIDO EM: 13 de fevereiro de 2015

ACEITO EM: 20 de março de 2015